

UMBERTO ECO

CONSTRUIR  
O INIMIGO

e outros escritos ocasionais

TRADUÇÃO  
JORGE VAZ DE CARVALHO

gradiva



Título original *Costruire il Nemico e altri scritti occasionali*  
© RCS Libri S.p.A. — Milão  
Bompiani, 2011

Referências iconográficas

p. 223, *Series of observations of the planet Saturn*, 1656. Oxford, Science Archive. © 2011. Foto Scala Firenze/Heritage Images  
pp. 296-297, Bougainville, Louis-Antoine de (1729-1811), *Développement de la route faite autour du monde par les vaisseaux du roy La Boudeuse et L'Etoile*, © BnF

Tradução Jorge Vaz de Carvalho  
Revisão de texto Rui Augusto  
Capa Armando Lopes (arranjo gráfico)  
Fotocomposição Gradiva  
Impressão e acabamento Multitipo — Artes Gráficas, L.<sup>da</sup>

Reservados os direitos para Portugal por Gradiva Publicações, S. A.  
Rua Almeida e Sousa, 21 - r/c esq. — 1399-041 Lisboa  
Telef. 21 393 37 60 — Fax 21 395 34 71  
Dep. comercial Telef. 21 397 40 67/8 — Fax 21 397 14 11  
geral@gradiva.mail.pt / www.gradiva.pt

1.<sup>a</sup> edição Setembro de 2011  
Depósito legal 333 017/2011  
ISBN 978-989-616-435-5

**gradiva**

Editor GUILHERME VALENTE

Visite-nos na Internet  
[www.gradiva.pt](http://www.gradiva.pt)

## ÍNDICE

Introdução .....	7
Construir o inimigo .....	11
Absoluto e Relativo .....	37
A chama é bela .....	65
Andar em busca de tesouros .....	93
Delícias fermentadas .....	107
Os embriões fora do paraíso .....	119
O Grupo 63, quarenta anos depois .....	129
«Hugo, hélas!» A poética do excesso .....	159
Veline e silêncio .....	193
Astronomias imaginárias .....	203
País onde vais, costumes que encontras .....	235
Eu sou Edmond Dantès! .....	247
Só nos faltava também o <i>Ulisses</i> .....	265
Porque a ilha nunca é encontrada .....	275
Reflexões sobre o WikiLeaks .....	305



## INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O verdadeiro título desta recolha deveria ter sido o seu subtítulo, ou seja, «escritos ocasionais». Só a justa preocupação do editor, de que um título tão pomposamente modesto pudesse não atrair a atenção do leitor, enquanto o do primeiro ensaio apresenta um certo motivo de curiosidade, fez propender para a escolha final.

O que é um escrito ocasional e quais são as suas virtudes? Aquele em que habitualmente o autor, na verdade, não pensava ter de se ocupar de um certo assunto, mas ao qual foi compelido pelo convite para uma série de palestras ou ensaios subordinados a um tema. O tema estimulou o autor e induziu-o a reflectir sobre algo que, de outro modo, teria transcurado — e, frequentemente, um tema recebido por sugestão externa resulta mais fecundo do que outro nascido por algum capricho interior.

Outra virtude do escrito ocasional é que não obriga à originalidade a todo o custo, mas visa sobretudo divertir, quer quem escreve, quer quem lê. Em suma, o escrito ocasional é um exercício retórico barroco, como quando Rossana impunha a Cristiano (e, através dele, a Cyrano) desafios do tipo «falai-me do amor».

No final de cada um dos textos (todos da última década), registo as várias datas e as ocasiões, mas, precisamente para



sublinhar as suas ocasionalidades, recordo que «Absoluto e relativo» e «A chama é bela» foram lidos no âmbito dos serões do festival La Milaneseana, que são exactamente acontecimentos subordinados a um tema, e, se fora uma interessante ocasião ter de falar do absoluto nos anos em que estava a rebentar a polémica acerca do relativismo, a do fogo foi mesmo uma boa prova, porque eu nunca imaginaria ter de meter (a quente) naquele assunto.

«Os embriões fora do paraíso» corresponde a um relatório realizado em 2008, em Bolonha, num congresso sobre a ética da investigação, depois incluído no livro organizado por Francesco Galofaro, *Etica della ricerca medica e identità culturale europea* (Bolonha, CLUEB, 2009). «O Grupo 63, quarenta anos depois» abria um congresso, também bolonhês, cujo tema está evidenciado pelo meu título.

As reflexões sobre a poética do excesso em Hugo sintetizam três diferentes intervenções escritas e orais, enquanto o divertimento sobre as astronomias imaginárias foi impudentemente apresentado, em duas diferentes versões, a dois diferentes congressos, um de astrónomos e outro de geógrafos.

«Andar em busca de tesouros» condensa várias intervenções sobre o mesmo assunto, «Delícias fermentadas» foi pronunciado num congresso sobre Piero Camporesi.

«Veline e silêncios» foi proferido, quase à força, no congresso de 2009 da Associação Italiana de Semiótica.

Três escritos são, em si mesmos, verdadeiros divertimentos, surgidos em três anos diferentes no *Almanacco del Bibliofilo*, e foram inspirados nos três temas destes almanaques, ou seja, «Em demanda de novas ilhas da utopia» para «País onde vais, costumes que encontres», «Divagações sentimentais sobre leituras dos anos mais verdes» para «Eu sou Edmond Dantès!», e «Recensões em atraso» para «Só nos faltava também o

*Ulisses*». No *Almanacco del Bibliofilo 2011* surgiu também «Porque a ilha nunca é encontrada», mas retoma uma comunicação num congresso sobre as ilhas, realizado em Carloforte, em 2010.

«Reflexões sobre o WikiLeaks» é a reelaboração de dois artigos aparecidos, um no *Libération* (em 2 de Dezembro de 2010), e o outro no *Espresso* (em 31 de Dezembro de 2010). Por fim, para voltar ao primeiro texto da recolha, «Construir o inimigo», esse tinha sido lido num dos encontros sobre os clássicos organizados pela Universidade de Bolonha, por Ivano Dionigi. Agora, estas minhas vinte páginas parecem um pouco avaras, depois de Gian Antonio Stella ter desenvolvido splendidamente o tema em mais de trezentas páginas no seu *Negri, froci, giudei & co. L'eterna guerra contro l'altro* (Milão, Rizzoli, 2009), mas, paciência, tinha pena de as deixar cair no esquecimento, visto que se continua a construir inimigos sem descanso.



## CONSTRUIR O INIMIGO

## CONSTRUIR O INIMIGO

Há uns anos, em Nova Iorque, calhou-me um taxista com um nome de difícil decifração, e esclareceu-me que era paquistanês. Perguntou-me de onde vinha e eu disse-lhe que de Itália. Perguntou-me quantos somos e ficou impressionado por sermos tão poucos e por a nossa língua não ser o inglês.

Por fim, perguntou-me quem são os nossos inimigos. Ao meu «desculpe?», esclareceu pacientemente que queria saber com que povos estaríamos há séculos em guerra por reivindicações territoriais, ódios étnicos, contínuas violações de fronteiras, e por aí fora. Disse-lhe que não estamos em guerra com ninguém. Explicou-me pacientemente que queria saber quais são os nossos adversários históricos, aqueles que nos matam e que nós matamos. Repeti-lhe que não os temos, que a última guerra fizemo-la há mais de meio século e, para além disso, começando-a com um inimigo e acabando-a com um outro.

Não ficou satisfeito. Como é possível que haja um povo que não tem inimigos? Saí, deixando-lhe dois dólares de gorjeta para o compensar pelo nosso indolente pacifismo, depois veio-me à cabeça o que lhe devia ter respondido, isto é, que não é verdade que os italianos não tenham inimigos. Não têm inimigos externos, e, em todo o caso, nunca são capazes de se pôr de acordo para estabelecer quais são, porque estão continuamente em guerra entre eles: Pisa contra Lucca, Guelfos contra Gibelinos, Nortistas



contra Sulistas, Fascistas contra Partigianos, Máfia contra Estado, Governo contra Magistratura — e é uma pena que, na época, não se tivesse dado ainda a queda dos dois governos Prodi, senão eu teria podido explicar-lhe melhor o que significa perder uma guerra por culpa do fogo amigo.

Porém, reflectindo melhor sobre este episódio, convenci-me de que uma das desgraças do nosso país, nos últimos sessenta anos, foi precisamente não ter tido verdadeiros inimigos. A unidade de Itália fez-se graças à presença do austríaco ou, como pretendia Berchet, do «hirto e enfadonho alemão»; Mussolini pôde gozar do consenso popular incitando-nos a vingar-nos da «vitória mutilada», das humilhações sofridas em Dogali e em Adua e das demo-plutocracias judaicas que nos infligiam as iníquas sanções. Veja-se o que aconteceu aos Estados Unidos quando desapareceu o Império do Mal e o grande inimigo soviético se dissolveu. Arriscavam o ruir da sua identidade, até que Bin Laden, grato pelos benefícios recebidos quando era ajudado contra a União Soviética, estendeu aos Estados Unidos a sua mão misericordiosa e forneceu a Bush a oportunidade de criar novos inimigos, reforçando o sentimento de identidade nacional, e o seu poder.

Ter um inimigo é importante, não apenas para definir a nossa identidade, mas também para arranjarmos um obstáculo em relação ao qual seja medido o nosso sistema de valores, e para mostrar, no afrontá-lo, o nosso valor. Portanto, quando o inimigo não existe, há que construí-lo. Veja-se a generosa flexibilidade com que os *naziskins* de Verona elegiam como inimigo quem quer que não pertencesse ao seu grupo, para se reconhecerem como grupo. Eis que, nesta ocasião, não nos interessa tanto o fenómeno quase natural de identificar um inimigo que nos ameaça, quanto o processo de produção e demonização do inimigo.

Nas *Catilinárias* (II, 1-10), Cícero não tivera necessidade de desenhar uma imagem do inimigo, porque tinha as provas da conspiração de Catilina. Mas constrói-o quando, no segundo discurso, pinta aos senadores a imagem dos amigos de Catilina, reverberando sobre o principal acusado a sua auréola de perversidade moral:

Indivíduos que acampam nos banquetes, que estão ágarra-dos a mulheres desavergonhadas, que amolecem pelo vinho, empanturrados de comida, coroados de grinaldas, besuntados de unguentos, debilitados pela copulação, vomitam nas palavras que é preciso massacrar os cidadãos honestos e incendiar a cidade. [...] Vós os tendes diante dos olhos: sem um cabelo fora do sítio, imberbes ou com a barba bem aparada, vestidos com túnicas até aos tornozelos e com as mangas compridas, envolvidos em véus e não em togas... Estes «meninos» tão graciosos e delicados aprenderam não apenas a amar e a ser amados, a dançar e a cantar, mas também a brandir punhais e a administrar venenos.

O moralismo de Cícero será, depois, o mesmo de Agostinho, que quererá ferver os pagãos, porquanto, ao contrário dos cristãos, frequentam circos, teatros, anfiteatros e celebram festas orgiásticas. Os inimigos são *diferentes* de nós e comportam-se segundo costumes que não são os nossos.

Alguém diferente, por excelência, é o estrangeiro. Já nos baixos-relevos romanos os bárbaros aparecem como barbudos e achatados, e a própria denominação de bárbaros, como é sabido, alude a um defeito de linguagem e, portanto, de pensamento.

Todavia, desde o princípio que são construídos como inimigos não tanto os diferentes que nos ameaçam directamente (como seria o caso dos bárbaros), mas aqueles que alguém



tem interesse em representar como ameaçadores, ainda que não nos ameacem directamente, de modo que não é tanto o seu carácter ameaçador que faz ressaltar neles a diferença, mas é a sua diferença que se torna sinal de carácter ameaçador.

Veja-se o que diz Tácito acerca dos hebreus: «Profano é, para eles, tudo aquilo que é sagrado para nós, e o que é para nós impuro é para eles lícito» (e vem à mente o repúdio anglo-saxão pelos comedores de rãs franceses, ou o alemão pelos italianos que abusam de alho). Os hebreus são «estranhos» porque se abstêm da carne de porco, não põem fermento no pão, descansam ao sétimo dia, casam-se apenas entre eles, circuncidam-se (atenção), não porque seja uma norma higiénica ou religiosa, mas «para marcar a sua diferença», sepultam os mortos e não veneram os nossos Césares. Uma vez demonstrado quão diferentes são alguns costumes reais (circuncisão, repouso no sábado), pode sublinhar-se posteriormente a diferença, inserindo no retrato costumes lendários (consagram a efigie de um burro, desprezam os pais, filhos, irmãos, a pátria e os deuses).

Plínio não encontra pontos de acusação significativos para os cristãos, visto que tem de admitir que estes não se dedicam a cometer crimes, mas apenas a fazer acções virtuosas. Todavia, manda-os matar, porque não sacrificam ao imperador, e esta obstinação em recusar uma coisa tão óbvia e natural estabelece a sua diferença.

Nova forma de inimigo será, depois, com o desenvolvimento dos contactos entre os povos, não apenas aquele que está fora e que exhibe a sua estranheza de longe, mas aquele que está dentro, entre nós — diríamos hoje o imigrante extracomunitário, que, de algum modo, se comporta de maneira diferente ou fala mal a nossa língua, e que, na sátira de Juvenal,

é o gregozinho esperto e trapaceiro, descarado, libidinoso, capaz de levar para a cama a avó de um amigo.

Estrangeiro entre todos, e pela cor diferente, é o negro. Na entrada «Negro», da *Encyclopaedia Britannica*, primeira edição americana, 1798, lia-se:

Na carnção dos negros encontramos diversas matizes; mas todos se diferenciam, da mesma maneira, dos outros homens em todas as feições dos seus rostos. Faces redondas, maçã-do-rosto altas, uma testa ligeiramente elevada, nariz curto, largo e achatado, lábios grossos, orelhas pequenas, fealdade e irregularidade de forma caracterizam o seu aspecto exterior. As mulheres negras têm costas muito descaídas e nádegas muito grandes, que lhes conferem a forma de uma sela. Os vícios mais conhecidos parecem ser o destino desta raça infeliz: diz-se que o ócio, a traição, a vingança, a crueldade, a impudência, o furto, a mentira, o turpilóquio, a devassidão, a mesquinhez e a intemperança terão extinguido os princípios da lei natural e terão silenciado as censuras da consciência. São estranhos a qualquer sentimento de compaixão e constituem um terrível exemplo da corrupção do homem quando abandonado a si mesmo.

O negro é feio. O inimigo deve ser feio, porque se identifica o belo com o bom (*kalokagathia*), e um dos caracteres fundamentais da beleza foi sempre aquele a que a Idade Média chamará depois *integritas* (isto é, o ter tudo quanto é requerido para ser um representante médio daquela espécie, pelo que, entre os humanos, serão feios aqueles a quem faltar um membro, um olho, os que tenham uma estatura inferior à média ou uma cor «desumana»). Eis, então, que, desde o gigante zarolho Polifemo ao anão Mime, temos imediatamente o modelo de identificação do inimigo. Prisco de Pânio, no



século v d. C., descreve Átila como baixo de estatura, com um tórax largo e uma cabeça grande, os olhos pequenos, a barba fina e grisalha, o nariz achatado e (traço fundamental) a carnção escura. Mas é curioso como o rosto de Átila se assemelha à fisionomia do diabo, tal como o vê, mais de cinco séculos depois, Rodolfo, o *Glabro*, de estatura modesta, pescoço delgado, rosto macilento, olhos muito negros, testa bastante enrugada, nariz achatado, boca saliente, lábios intumescidos, queixo estreito e afilado, barba caprina, orelhas hirsutas e pontiagudas, cabelos em pé e desgrenhados, dentadura canina, crânio alongado, peito saliente, costas corcovadas (*Crónicas*, V, 2).

No encontro com uma civilização ainda desconhecida, são desprovidos de *integritas* os bizantinos, vistos por Liutprando de Cremona, enviado pelo imperador Otão I a Bizâncio, em 968 (*Relação da Embaixada a Constantinopla*):

Apresentei-me a Nicéforo, um ser monstruoso, um pigmeu de cabeça enorme, que parece uma toupeira pela pequenez dos olhos, é desfeado por uma barba curta, larga, espessa e grisalha, tem o pescoço da altura de um dedo, [...] um etíope pela cor, «com o qual não vos quereríeis deparar no coração da noite», de ventre obeso, seco de nádegas, com as coxas demasiado largas para a sua pequena estatura, com as pernas curtas, os pés chatos, e um traje de camponês demasiado envelhecido, fétido e descolorido à força de o vestir.

Fétido. O inimigo cheira sempre mal, e, assim, Berillon, no início da Primeira Guerra Mundial (1915), escrevia um *La Polychrésie de la Race Allemande*, onde demonstrava que o alemão médio produz mais matéria fecal do que o francês, e com um odor mais desagradável. Se o bizantino cheirava mal,

cheirava mal o sarraceno no *Evagatorium in Terrae sanctae, Arabiae et Egypti peregrinationem*, de Félix Fabri (século xv):

Os sarracenos emitem um certo fedor horrível, pelo que se dão a contínuas abluções de diversos tipos; e, uma vez que nós não cheiramos mal, àqueles não importa que nos banhemos em conjunto com eles. Mas não são igualmente indulgentes com os hebreus, que cheiram ainda pior. [...] Assim, os fedorentos sarracenos ficam contentes por se encontrarem na companhia de quem, como nós, não cheira mal.

Cheiravam mal os austríacos de Giusti (recordai «Vossa Excelência, olhais-me de través / Por tais poucas graçolas tão vulgares?»):

Entro e encontro enchente de soldados,  
desses soldados setentrionais,  
Boémios e Croatas figurados,  
postos aqui na vinha a paus iguais.  
[...]

Fiquei p'ra trás, pois que, caído em meio  
daquela tal maralha, eu não o nego  
qué uma sensação de nojo me veio  
que não provais por graça do emprego.  
Senti sufoco, um bafo de aca cheio;  
perdoe, Excelência, que julguei de sebo,  
naquela bela casa do Senhor,  
até as velas do altar-mor.

Não pode deixar de cheirar mal o cigano, visto que se alimenta de cadáveres em putrefacção, como ensina Lombroso (*L'uomo delinquente*, 1876, 1, II), e cheira mal, em *From*



*Russia with Love*, a inimiga de James Bond, Rosa Klebb, não apenas russa e soviética, mas lésbica, ainda por cima:

Tatiana abriu a porta e, enquanto permanecia de pé e fixava o olhar no da mulher que se sentava por trás de uma mesa redonda, debaixo da luz de uma lâmpada central, lembrou-se de repente onde tinha sentido aquele cheiro. Era o cheiro do metropolitano de Moscovo, numa noite quente, perfume ordinário, que dissimulava os eflúvios animais. Na Rússia, as pessoas ensopam-se literalmente em perfume, quer tenham, quer não tenham tomado banho, mas sobretudo quando não o tomam [...].

A porta do quarto de dormir abriu-se e «aquela Klebb» apareceu no limiar [...]. Vestia uma camisa de noite transparente de crepe da China cor de laranja [...] de uma abertura da camisa emergia um joelho rugoso, semelhante a uma noz de coco amarelada, estendido para diante, numa pose clássica de manequim [...]. Rosa Klebb tinha tirado os óculos e maquilhara o rosto com uma espessa camada de creme e de batom [...]. Depois, deu umas palmadinhas ao de leve no sofá, junto de si. «Apaga a luz de cima, minha querida. O interruptor está junto à porta. Depois, vem sentar-te ao pé de mim. Temos de nos conhecer melhor.»<sup>1</sup>

Monstruoso e fedorento será, pelo menos, desde as origens do cristianismo, o Hebreu, visto que o seu modelo é o Anticristo, o arqui-inimigo, o inimigo não apenas nosso, mas de Deus:

Estes são os seus traços: a cabeça é como chama ardente, o olho direito injectado de sangue, o esquerdo de um verde felino, e tem duas pupilas, as suas pálpebras são brancas, o lábio inferior é grande, o fémur direito é fraco, os pés grossos,

<sup>1</sup> Ian Fleming, *From Russia with Love*.

o polegar achatado e alongado. (*Testamento siriaco di Nostro Signore Gesù Cristo*, I, 4, século v)

O Anticristo nascerá do povo dos Judeus [...] da união de um pai e de uma mãe, como todos os homens, e não, como se diz, de uma virgem. [...] No início da sua concepção, o diabo entrará no útero materno, por virtude do diabo será alimentado no ventre da mãe, e o poder do diabo estará sempre com ele. (Adso de Montier-en-Der, *Epistola ad Gerbergam reginam de ortu et tempore Antichristi*, século x)

Terá dois olhos de fogo, orelhas como as de um burro, nariz e boca como um leão, porque enviará aos homens os actos de loucura do mais criminoso entre os fogos e as palavras mais vergonhosas das contradições, fazendo-os renegar Deus, expandindo nos seus sentidos o fedor mais horrível, lacerando as instituições da Igreja com a mais feroz das cupidez; escarnecendo com um ricto enorme e mostrando horríveis dentes de ferro. (Hildegarda de Bingen, *Liber scivias*, III, 1, 14, século XII)

Se o Anticristo vem do povo dos judeus, o seu modelo não poderá deixar de se reflectir na imagem do hebreu, quer se trate de anti-semitismo popular, de anti-semitismo teológico ou de anti-semitismo burguês dos séculos XIX e XX. Começamos com o rosto:

Em geral, têm o rosto lívido, o nariz adunco, os olhos encovados, o queixo saliente e os músculos constritores da boca fortemente pronunciados. [...] Além disso, os hebreus estão sujeitos a doenças que indicam corrupção do sangue, como outrora a lepra e, hoje, o escorbuto, que dela é afim, as escrofuloses, os fluxos de sangue [...]. Diz-se que os hebreus exalam sempre um mau cheiro [...]. Outros atribuem estes efeitos



ao uso frequente de legumes de cheiro penetrante, como cebola e alho. [...] Outros ainda dizem que é a carne de ganso, de que eles gostam muito, que os torna lívidos e atrabiliários, dado que nesta comida abundam os açúcares grosseiros e viscosos. (Baptiste-Henri Grégoire, *Essai sur la régénération physique, morale et politique des Juifs*, 1788)

Mais tarde, Wagner compilará o retrato com aspectos fonéticos e mímicos:

No aspecto exterior do hebreu encontra-se qualquer coisa de estrangeiro que repugna, acima de qualquer outra coisa, a esta nacionalidade; com um homem que tem um aspecto como aquele não se quer ter nada em comum [...]. É-nos impossível imaginar que uma personagem da antiguidade ou dos tempos modernos, herói ou amoroso, seja representada por um hebreu sem nos sentirmos involuntariamente atingidos por quanto há nisso de inconveniente, até mesmo de ridículo, numa representação do género [...]. Mas o que mais repugna é o sotaque que caracteriza o falar dos hebreus [...]. Os nossos ouvidos são particularmente irritados pelos sons agudos, sibilantes, estridentes deste idioma. Os hebreus usam as palavras e constroem as frases de maneira contrária ao espírito da nossa língua nacional [...]. Escutando-os, nós, sem querer, prestamos mais atenção ao seu modo de falar do que àquilo que dizem. Este ponto é da maior importância para explicar a impressão produzida, sobretudo, pelas obras musicais dos hebreus. Escutando o hebreu que fala, nós somos, contra a nossa própria vontade, irritados pelo facto de acharmos o seu discurso privado de qualquer expressão verdadeiramente humana [...]. É natural que a congénita aridez da índole hebraica, que nos é tão antipática, encontre a sua máxima expressão no canto, que é a mais vivaz, a mais autêntica manifestação do sentimento individual. Ao hebreu poder-se-ia reconhecer atitude artística para qualquer outra arte,

menos para a do canto, que parece ter-lhes sido negada pela própria natureza<sup>2</sup>.

Hitler procede com maior graça, quase nos limites da inveja:

Nos jovens, o vestuário deve ser posto ao serviço da educação. [...] Se hoje a perfeição corpórea não fosse remetida para segundo plano pela nossa moda transcurada, não seria possível que centenas de milhares de raparigas fossem seduzidas por repugnantes bastardos hebreus de pernas tortas<sup>3</sup>.

Do rosto aos trajes, eis o inimigo hebreu, que mata as crianças e se abebera com o seu sangue. Isto aparece muito cedo, por exemplo, nos *Contos da Cantuária*, de Chaucer, onde se relata a história de um menino, muito parecido com o santo Simonino de Trento, que, enquanto passa pelo bairro hebraico cantando *O alma Redemptoris Mater*, é raptado, cortam-lhe a garganta e é atirado para dentro de um poço.

O hebreu que mata as crianças e se abebera com o seu sangue tem uma genealogia muito complexa, porque o mesmo modelo preexistia no cristianismo na construção do inimigo interno, o herético. Fiquemo-nos por um só texto:

De noite, quando se acendem as luzes e, entre nós, se celebra a paixão, conduzem a uma certa casa as raparigas que introduziram nos seus ritos secretos, apagam as lâmpadas, porque não querem a luz como testemunha das indecências que acontecerão, e desafogam a própria devassidão em quem calha, ainda que sejam irmã ou filha. Estão, de facto, convencidos de que praticam

<sup>2</sup> Richard Wagner, *Das Judentum in der Musik* (O Judaísmo na Música) [1850].

<sup>3</sup> Adolf Hitler, *Mein Kampf*, capítulo 2, 1934.



assim coisa grata aos demónios, se violam as leis divinas que proíbem o conúbio com quem tem o mesmo sangue. Terminado o rito, regressam a casa e esperam que tenham passado os nove meses: chegado o momento em que deveriam nascer os ímpios de uma ímpia semente, congregam-se de novo no mesmo local. Três dias depois do parto, arrancam os míseros filhos às suas mães, perfuram com uma lâmina afiada os seus tenros membros, recolhem em taças o sangue que deles jorra, queimam os recém-nascidos enquanto ainda respiram e lançam-nos numa fogueira. Depois, misturam nas taças sangue e cinzas, obtendo uma horrível mixórdia, com que conspurcam comidas e bebidas, às escondidas, como quem deite veneno no hidromel. É assim a comunhão deles<sup>4</sup>.

Por vezes, o inimigo é percebido como diferente e feio porque é de classe inferior. Na *Iliada*, Tersites («de pernas tortas, coxo de um pé; as costas curvadas e dobradas sobre o peito; a cabeça pontiaguda coberta por uma rala penugem», *Iliada*, II) é socialmente inferior a Agamémnon ou a Aquiles e, portanto, invejoso deles. Entre Tersites e o Franti de De Amicis há pouca diferença, ambos feios: Ulisses espanca até sangrar o primeiro e a sociedade condenará Franti à prisão perpétua (Edoardo de Amicis, *Cuore*, 25 de Outubro):

E tem a seu lado um rosto insolente e triste, um que se chama Franti, que foi já expulso de uma outra secção [...]. Um único podia rir, enquanto Derossi falava dos funerais do Rei, e Franti riu-se. Eu detesto-o. É malvado. Quando vem um pai à escola dar uma repreensão ao filho, ele goza; quando alguém chora, ele ri. Treme diante de Garrone, e bate no pedreirinho porque é pequeno; atormenta Crossi porque tem o braço morto; troça de Precossi, que

<sup>4</sup> Miguel Psellos, *De operatione daemonum* (Sobre a Acção dos Demónios), capítulo IV (século XI).

todos respeitam; faz pouco até de Robetti, aquele da segunda, que anda de muletas por ter salvado uma criança. Provoca todos os mais fracos do que ele e, quando anda ao murro, enfurece-se e bate para magoar. Tem qualquer coisa que causa aversão naquela testa baixa, naqueles olhos toldados, que traz quase escondidos debaixo da pala do seu bonezinho de encerado. Não tem medo de nada, ri na cara do professor, rouba quanto pode, nega com uma cara antipática, está sempre em litígio com alguém, leva para a escola alfinetes de chapéu para picar os vizinhos, arranca os botões do seu casaco, e arranca-os aos outros, e joga com eles, e tem pasta, cadernos, livros, tudo amarfanhado, rasgado, sujo, a régua dentelada, a caneta mordida, as unhas roídas, os trajas cheios de nódoas de gordura e de rasgões que faz nas brigas [...]. O professor finge, por vezes, que não vê as suas maroteiras, e ele faz pior. Tentou levá-lo a bem, e ele ainda fez troça. Disse-lhe palavras terríveis, e ele cobriu o rosto com as mãos, como se chorasse, e ria.

Entre os portadores de fealdade devida à sua posição social estão, obviamente, o delinquente nato e a prostituta. Mas com a prostituta entramos num outro universo, o da inimização ou do racismo sexual. Para o macho que governa e escreve, ou escrevendo governa, desde o princípio que a mulher foi representada como inimigo. Não nos deixemos enganar pelas mulheres angelicais, pelo contrário; precisamente porque a literatura maior é dominada por criaturas belas e dulcíssimas, o mundo da sátira — que é, aliás, o do imaginário popular — demoniza continuamente a fêmea, desde a Antiguidade, ao longo da Idade Média e até aos tempos modernos. Para a Antiguidade, limito-me a Marcial (*Epigramas*, 94):

Tu viveste sob o governo de trezentos cônsules, Vestutilla; restam-te três cabelos e quatro dentes, e tens o peito de uma cigarra, as pernas e a cor de uma formiga. Andas por aí com



uma testa que tem mais pregas do que a tua estola e seios parecidos com teias de aranha [...]. A tua vista é igual à das corujas pela manhã e cheiras mal como os bodes; o teu traseiro é como o de uma pata ressequida [...]. Nessa vagina só pode penetrar o facho fúnebre.

E quem será o autor deste trecho?

A mulher é animal imperfeito, enamorada por mil paixões lamentáveis e abomináveis até de se recordar, quanto mais de pensar nelas [...]. Nenhum outro animal é menos limpo do que ela: nem o porco, quando chafurda mais na lama, chega à imundície delas; e se acaso alguém quiser negar isto, que observe então as partes delas, procure os lugares secretos onde estas, daquelas se envergonhando, escondem os horríveis instrumentos que usam para extrair os seus humores supérfluos.

Se podia pensar assim Giovanni Boccaccio (*Corbaccio*), laico e devasso, imaginai vós o que haveria de pensar e escrever um moralista medieval para reforçar o princípio paulino de que, se alguma vez fosse possível sem se consumir, o melhor seria não conhecer nunca os prazeres da carne.

Odão de Cluny, no século x, recordava que:

A beleza do corpo está toda na pele. Com efeito, se os homens vissem aquilo que está debaixo da pele, dotados como os lincos da Beócia da penetração visiva interna, a vista das mulheres bastaria para se tornar nauseabunda: esta graça feminina não é senão saburra, sangue, humor, fel. Considerai aquilo que se esconde nas narinas, na garganta, no ventre: por toda a parte, imundícies [...]. E nós, a quem causa repugnância o tocar, mesmo só com a ponta dos dedos, o vômito ou o estrume,

como podemos então desejar apertar nos nossos braços um simples saco de excrementos<sup>5</sup>!

Da misoginia a que chamaremos «normal», chega-se à construção da bruxa, obra-prima da civilização moderna. A bruxa era certamente conhecida também na Antiguidade Clássica, e limitar-me-ei a recordar Horácio («Eu próprio vi Cândia, cingida de uma veste negra, os pés nus e a cabeleira solta, ulular com Sagna maior. A palidez tinha-as tornado ambas de horrível aspecto.» *Sermones*, 8), ou as bruxas de *O Asno de Ouro*, de Apuleio. Mas, na Antiguidade, como na Idade Média, falava-se de bruxas e de feiticeiros, acima de tudo, em referência a crenças populares, como factos de possessão, ao fim e ao cabo, episódicos. Roma, nos tempos de Horácio, não se sentia ameaçada pelas bruxas, e, na Idade Média, pensava-se ainda, no fundo, que a bruxaria era um fenómeno de auto-sugestão, isto é, que a bruxa era aquela que se acreditava uma bruxa, como dizia, no século ix, o *Canon Episcopi*:

Certas mulheres depravadas, voltadas para Satanás e desencaminhadas pelas suas ilusões e seduções, crêem e afirmam que cavalgam certas bestas, a coberto da noite, na companhia de uma multidão de mulheres, no séquito de Diana [...]. Os sacerdotes têm constantemente de pregar ao povo de Deus que estas coisas são totalmente falsas e que tais fantasias não são evocadas nas mentes dos fiéis pelo espírito divino, mas por aquele malvado. Satanás, de facto, transforma-se em anjo da luz e toma posse da mente destas mulherzinhas e domina-as por causa da sua pouca fé e descrença.

<sup>5</sup> *Collationum Libri Tres*, PL, 133, coll. 556 e 648.



Pelo contrário, é no alvorecer do mundo moderno que a bruxa começa a congregar-se em seitas, a celebrar o seu sabat, a voar, a transformar-se em animal, e a tornar-se inimigo social, a ponto de merecer os processos inquisitórios e a fogueira. Não será este o lugar em que afrontaremos o problema complexo da síndrome da bruxaria, quer se trate da procura de bode expiatório no decurso de profundas crises sociais, de influência do xamanismo siberiano ou da permanência de arquétipos eternos. Aquilo que nos interessa neste lugar é ainda o modelo recorrente da criação do inimigo — modelo que é análogo ao da construção do herético e do hebreu. E não basta que homens da ciência como Gerolamo Cardano (*De rerum varietate*, XV), no século XVI, levantassem as suas objecções de bom senso:

São mulherzinhas de mísera condição, que vão vivendo nos vales, alimentando-se de castanhas e de ervas [...]. Por isso, são macilentas, disformes, de cor terrosa, com os olhos fora da cabeça, e, pelo olhar, mostram ter um temperamento melancólico e bilioso. São taciturnas, distraídas e diferenciam-se pouco daquelas que são possuídas pelo demónio. São tão firmes nas suas opiniões que, a dar crédito apenas aos discursos que fazem, acreditar-se-ia serem verdadeiras as coisas que contam com tanta convicção, coisas que jamais aconteceram nem nunca acontecerão.

As novas vagas de perseguições iniciam-se com os leprosos. Carlo Ginzburg recorda na sua *Storia notturna. Una decifrazione del sabba* (Turim, Einaudi, 1989, pp. 6-8), que, em 1321, estes foram queimados por toda a França, porque tinham tentado matar toda a população envenenando as águas, fontes e poços: «As mulheres leprosas que tinham confessado o crime, espontaneamente ou na sequência da tortura, deviam ser queimadas, a menos que estivessem grávidas; se estavam,

deviam ser mantidas segregadas até ao parto e ao desmamar dos filhos e, depois, queimadas.»

Não é difícil identificar aqui as raízes de todos os processos contra os indivíduos suspeitos de propagar a peste. Mas o outro aspecto da perseguição citada de Ginzburg é que, automaticamente, os propagadores leprosos eram associados aos hebreus e sarracenos. Vários cronistas referiam vezes segundo as quais os Hebreus eram cúmplices dos leprosos e, por isso, muitos eram queimados em conjunto com eles: «O povolêu fazia justiça por suas próprias mãos, sem chamar preboste nem bailio: fechava as pessoas nas casas, juntamente com os animais e as mobílias, e deitava-lhes fogo.»

Um dos chefes dos leprosos haveria confessado que tinha sido corrompido com dinheiro por um hebreu, que lhe entregara um veneno (feito com sangue humano, urina, três ervas e hóstia consagrada), metido em saquinhos providos de pesos, para os fazer ir mais facilmente ao fundo nas fontes, mas quem tinha recorrido aos hebreus fora o rei de Granada — e uma outra fonte acrescentava à conspiração também o sultão da Babilónia. Assim, de um só golpe, eram fundidos três tipos de inimigo tradicional: o leproso, o hebreu e o sarraceno. A referência ao quarto inimigo, o herético, era dada pela particularidade de os leprosos terem de cuspir na hóstia e espelhar a cruz.

Mais tarde, rituais do género serão praticados pelas bruxas. Se, no século XV, tinham aparecido os primeiros manuais para o processo inquisitório visando os heréticos, como a *Practica inquisitionis hereticae pravitatis*, de Bernardo Gui, ou o *Directorium Inquisitorum*, de Niccolao Emeric, é no século XV (enquanto, em Florença, Marsílio Ficino traduz Platão, por ordem de Cosme de Médicis, e, segundo uma conhecida paródia estudantil, os seres humanos se apresta-



vam a cantar «*che solievo, che solievo — siamo fuor dal Medioevo\**»), é entre 1435 e 1437 que aparece (publicado, depois, em 1473) o *Formicarius*, de Nider, onde, pela primeira vez, se fala das várias práticas de bruxaria no sentido moderno.

Na bula *Summis desiderantes affectibus*, Inocêncio VIII, em 1484, escreverá:

Chegou há pouco aos nossos ouvidos — com grande sofrimento nosso — que, em algumas regiões da Alemanha, [...] pessoas de ambos os sexos, descurando a sua própria saúde e afastando-se da fé católica, não hesitam em entregar-se carnalmente aos diabos, íncubos e súcubos, em fazer morrer ou deperecer a progenitura de mulheres, animais, dos frutos da terra, [...] por meio de encantamentos, sortilégios, esconjuros e outras muito odiosas práticas de magia [...]. Querendo impedir, como nos impõe o nosso cargo, com oportunos remédios, que o flagelo da perversidade herética difunda os seus venenos em prejuízo dos inocentes, seja permitido aos inquisidores supra-mencionados, Sprenger e Kramer, exercer o ofício inquisitorial naquelas terras.

E, de facto, inspirado também no *Formicarius*, em 1486, Sprenger e Kramer publicarão o infame *Malleus Maleficarum* (*O Martelo das Bruxas*).

Como se constrói uma bruxa, dizem-nos (um exemplo entre mil) os actos do processo inquisitório contra Antónia, da paróquia de Saint-Jorioz, diocese de Genebra, em 1477:

A acusada, tendo abandonado o marido e a filha, chegou com Masset ao local chamado «laz Perroy», junto da torrente [...], onde ficava uma sinagoga de heréticos, e ali encontrou

\* Literalmente: «Que alívio, que alívio — saímos da Idade Média». (N. do T.)

homens e mulheres em grande número, os quais ali se cortejavam, dançavam e bailavam nas traseiras. Mostrou-lhes, então, um demónio chamado Robinet, que tinha o aspecto de um negro, dizendo: «Eis o nosso mestre, a quem devemos prestar homenagem, se vós quereis ter aquilo que desejais.» [...] A acusada perguntou-lhe como se devia comportar [...] e o dito Masset respondeu-lhe: «Renegarás Deus, teu criador, e a fé católica e aquela alcoviteira da Virgem Maria e aceitarás como teu senhor e mestre este demónio chamado Robinet e farás à sua maneira todas as coisas que ele quiser [...]». Escutadas estas palavras, a acusada começou a entristecer-se e recusou fazê-lo, no imediato. Mas, por fim, renegou Deus seu criador, dizendo: «Eu renego Deus meu criador e a fé católica e a santa Cruz, e aceito-te, demónio Robinet, como meu senhor e mestre.» E prestou homenagem ao demónio, beijando-lhe o pé [...]. Depois, para desprezo de Deus, lançou por terra, pisou com o pé esquerdo e quebrou uma cruz de madeira [...]. Fez-se transportar em cima de um pau com o comprimento de um pé e meio; para se deslocar às sinagogas, ela devia ungi-lo com o unguento contido numa píxide, que estava cheia dele, e pô-lo entre as coxas, dizendo: «Vai, vai da parte do diabo!», e era imediatamente transportada pelos ares, com um movimento veloz, até ao local da sinagoga. Confessa também que no supracitado local comeram pão e carnes; beberam vinho e dançaram novamente; depois, tendo o referido demónio, seu mestre, sido transformado de homem num cão preto, veneraram-no e reverenciaram-no, beijando-o no traseiro; por fim, o demónio, apagado o fogo que ali resplandecia com chamas verdes, iluminando a sinagoga, exclamou com voz forte: «Mecllet! Mecllet!», e, àquele grito, deitaram-se animallescamente os homens com as mulheres e ela com o supracitado Masset Garin<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Citado em Giuseppina e Eugenio Battisti, *La civiltà delle streghe*, Milão, Lerici, 1964, pp. 73 e seguintes.



Este depoimento, com os vários pormenores do cuspir na cruz e do beijo no ânus, recorda quase literalmente os depoimentos do processo dos templários, que tinha acontecido um século e meio antes. Aquilo que choca é que, não apenas os inquisidores deste processo do século xv, ao colocarem as suas perguntas e intimações, são guiados pelo que leram em processos precedentes, mas que, em todos estes casos, no fim de um interrogatório que julgamos bastante cerrado, a vítima se convence de quanto lhe foi imputado. Nos processos de bruxaria, não apenas se constrói uma imagem do inimigo, e não apenas a vítima, por fim, confessa até mesmo aquilo que não fez, mas, ao confessá-lo, se autoconvence de tê-lo feito. Recordareis que um procedimento análogo é narrado em *Sonnenfinsternis (O Zero e o Infinito)* (1941), de Koestler — e que, em todo o caso, também nos processos estalinistas se construía, primeiro, a imagem do inimigo e, depois, se persuadia a vítima a reconhecer-se naquela imagem.

A construção do inimigo induz a tornar-se tal, mesmo quem teria aspirado a um reconhecimento benevolente. Teatro e narrativa mostram-nos exemplos de «patinhos feios» que, desprezados pelos seus semelhantes, se adequam à imagem que estes têm deles. Como exemplo típico, citarei *Ricardo III* (acto I, cena I):

Mas eu, que não sou feito para as divertidas brincadeiras, nem para cortejar um amoroso espelho, eu que [...] sou privado desta bela simetria, enganado na fisionomia pela Natureza que me é tão dissimulada, disforme, incompleto, enviado antes do tempo para este mundo espirante, malformado pela metade e, por isso, tão manco e deselegante que os cães me ladram quando eu coxeio perto deles; pois bem, eu [...] não tenho outro deleite para passar o tempo senão observar a minha sombra ao sol e compor variações sobre a minha deformidade. E, assim, já que

não posso mostrar ser o enamorado [...], estou determinado a demonstrar-me um celerado.

Parece que não se pode passar sem o inimigo. A figura do inimigo não pode ser abolida dos processos civilizacionais. A necessidade é congénita mesmo do homem brando e amigo da paz. Simplesmente, nestes casos, a imagem do inimigo é transferida de um objecto humano para uma força natural ou social, que de algum modo nos ameaça, e que tem de ser vencida, seja ela a exploração capitalista, a poluição ambiental, a fome do Terceiro Mundo. Mas, mesmo que estes sejam casos «virtuosos», como nos recorda Brecht, também o ódio à injustiça desfigura o rosto.

A ética, portanto, é impotente face à necessidade ancestral de ter inimigos? Direi que a instância ética se sobrepõe, não quando se finge que não existem inimigos, mas quando procuramos compreendê-los, colocar-nos no seu lugar. Não existe em Ésquilo um rancor contra os persas, cuja tragédia ele vive entre eles e do ponto de vista deles. César trata os gauleses com muito respeito, no máximo, apresenta-os um pouco choramingas de todas as vezes que se rendem, e Tácito admira os germanos, achando-os mesmo de boa compleição, limitando-se a lamentar a sua imundície e a sua renitência aos trabalhos fatigantes, porque não suportam o calor e a sede.

Procurar perceber outra coisa significa destruir-lhe o clichê, sem lhe negar ou lhe apagar a alteridade.

Mas sejamos realistas. Estas formas de compreensão do inimigo são próprias dos poetas, dos santos ou dos traidores. As nossas pulsões mais profundas são bem de outra ordem. Em 1968, foi publicado na América um *Report from Iron Mountain on the possibility and desirability of peace*<sup>7</sup>, de um

<sup>7</sup> Editado por Leonard C. Lewin, Nova Iorque, The Dial Press, 1968.



autor anónimo (alguém o terá mesmo atribuído a Galbraith). Tratava-se claramente de um panfleto contra a guerra, ou, pelo menos, de um lamento pessimista sobre a sua inevitabilidade. Porém, uma vez que para fazer a guerra é necessário um inimigo com que guerrear, o inelutável da guerra corresponde ao inelutável da caracterização e da construção do inimigo. Assim, neste panfleto, observa-se com extrema seriedade que a reconversão de toda a sociedade americana a uma situação de paz seria desastrosa, porque só a guerra constitui o fundamento do desenvolvimento harmónico das sociedades humanas. O seu esbanjamento organizado constitui uma válvula que regula o bom andamento da sociedade. Ela resolve o problema das provisões; é um volante. A guerra permite a uma comunidade reconhecer-se como «nação»; sem a contraposição da guerra, um governo não poderia sequer estabelecer a esfera da sua própria legitimidade; só a guerra assegura o equilíbrio entre as classes e permite acomodar e tirar proveito dos elementos anti-sociais. A paz produz instabilidade e delinquência juvenil; a guerra canaliza, do modo mais justo, todas as forças tumultuosas, dando-lhe um *statu*. O exército é a última esperança dos deserdados e dos desadaptados; só o sistema de guerra, com o seu poder de vida e de morte, dispõe a sociedade a pagar um preço de sangue também por outras instituições que não dependem dela, como o desenvolvimento do automobilismo. Ecologicamente, a guerra fornece uma válvula de escape para as vidas em excesso; e se, até ao fim do século XIX, nela morriam apenas os membros mais válidos do corpo social (os guerreiros), enquanto se salvavam os incapazes, os sistemas actuais permitiram superar também este problema com os bombardeamentos sobre os centros civis. O bombardeamento limita o aumento da população melhor do que o infanticídio ritual,

a castidade religiosa, a mutilação forçada ou o uso extensivo da pena de morte... Finalmente, é a guerra que permite o desenvolvimento de uma arte verdadeiramente «humanística», em que predominam as situações de conflito.

Se é assim, a construção do inimigo deve ser intensiva e constante. George Orwell, em 1984, oferece-nos um modelo verdadeiramente exemplar:

Um instante depois de um fastidioso rangido, como de uma engrenagem de qualquer máquina diabólica não bem lubrificada, fez-se ouvir, com um estouro, vindo do grande ecrã de televisão no fundo da sala. Era um barulho que fazia eriçarem-se os cabelos da cabeça. O Ódio tinha começado.

Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, aparecera no ecrã. Ouviu-se um ou outro assobio, aqui e acolá, entre os presentes. A donzela dos cabelos cor de areia deu uma espécie de gemido, em que estavam misturados medo e desgosto. Goldstein era o renegado, o apóstata que, uma vez, muito tempo antes [...], tinha mesmo estado entre os dirigentes do Partido [...], mas pusera-se depois a organizar actividades contra-revolucionárias, fora condenado à morte, mas evadira-se e desaparecera misteriosamente. [...] Tinha sido o traidor supremo, o primeiro que ousara profanar a pureza do Partido. Todos os delitos que tinham sido cometidos, em seguida, contra o Partido, todas as traições, os actos de sabotagem, as heresias, os desvios, etc., tinham nascido directamente do seu ensinamento. Estava ainda vivo, nalguma parte do mundo, e estava a preparar as suas conspirações. [...]

O diafragma de Winston teve um aperto. Não podia nunca ver a cara de Goldstein sem sentir um misto de emoções que lhe davam uma espécie de mal-estar. Era uma cara magra de hebreu, com uma grossa auréola de cabelos brancos e crespos e uma pequena pêra de cabra: uma cara de pessoa séria, mas na qual se podia também ler qualquer coisa de moralmente vil e despre-



zível, misturada com uma espécie de estupidez senil, concentrada naquele nariz comprido e afilado, em cima do qual estava apoiado um par de óculos. Parecia a cara de uma ovelha, e também a voz tinha um qualquer carácter ovelhuno. Goldstein estava a desferir o seu habitual ataque venenoso às doutrinas do Partido [...], pedia a imediata conclusão da paz com a Eurásia, exigia liberdade de palavra, liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de pensamento, e gritava, quase num acesso de histerismo, que a revolução tinha sido atraída.

Ainda antes de terem passado uns trinta segundos de Ódio, incontrolláveis manifestações de raiva irromperam de uma metade do público na sala. [...] Durante o seu segundo minuto, o Ódio atingiu o delírio. As pessoas levantavam-se e voltavam a sentar-se com grande remexida, e berravam o mais que podiam no esforço de cobrirem o balido daquela voz maldizente que vinha do ecrã. A donzela dos cabelos cor de areia ficara vermelha como um pimento e abria e fechava a boca como um peixe fora de água. [...] A morena atrás de Winston começara a gritar: «Porco! Porco! Porco!», e, de repente, agarrou num pesado dicionário de neolíngua e arremessou-o ao ecrã. Foi atingir em cheio o nariz de Goldstein e, depois, caiu por terra: a voz continuava, inexorável. Num momento de súbita lucidez, Winston apercebeu-se de que também ele estava a gritar como todos os outros, e batia furiosamente os tacões contra a trave da cadeira. O mais terrível dos Dois Minutos de Ódio não era tanto o facto de ser necessário tomar parte neles, mas, pelo contrário, precisamente o facto de não se poder encontrar uma maneira de evitar unir-se ao coro das execrações. [...] Um fastidioso êxtase, misto de medo e de instintos vingativos, um louco desejo de matar, de torturar, de partir caras a golpes de martelo percorria todo o grupo dos presentes como uma espécie de corrente eléctrica, transformando cada um, mesmo contra a sua própria vontade, num paranóico que berrava e chacoteava.

Não é necessário atingir os delírios de 1984 para nos reconhecermos como seres que têm necessidade de um inimigo. Estamos a ver quanto pode o medo dos novos fluxos migratórios. Alargando a toda uma etnia as características de alguns dos seus membros que vivem numa situação de marginalidade, está-se hoje a construir, em Itália, a imagem do inimigo romeno, bode expiatório ideal de uma sociedade que, arrastada num processo de transformação também étnica, não consegue já reconhecer-se.

A visão mais pessimista a este propósito é a de Sartre, em *Huis Clos*. Por um lado, só nos podemos reconhecer a nós próprios em presença de um Outro, e sobre isto regulam-nos as regras de convivência e de mansuetude. Todavia, de bom grado achamos este Outro insuportável, porque, nalguma medida, não é nós. Desde modo, reduzindo-o a inimigo, construímos o nosso inferno na Terra. Quando Sartre fecha três defuntos, que se conheciam em vida, num quarto de hotel, um destes compreende a tremenda verdade:

Vereis como é uma coisa parva: parva como um nabo. Não há tortura física, não é verdade? No entanto, nós estamos no inferno. E mais ninguém deve vir aqui. Ninguém. Ficaremos até ao fim, nós três apenas, juntos [...]. Falta o carrasco [...]. Fizemos uma economia de pessoal. Eis tudo [...]. O carrasco é cada um de nós para os outros dois.

[Conferência proferida na Universidade de Bolonha, a 15 de Maio de 2008, no âmbito das sessões sobre os clássicos, e surgida em Ivano Dionigi (editado por), *Elogio della politica*, Milão, BUR, 2009.]